



## A VIOLÊNCIA COMO DESDOBRAMENTO DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NA FAZENDA COLUBANDÊ – SÃO GONÇALO/RJ

Bruno de Souza Moraes<sup>1</sup>  
João Victor Neder de Salvo<sup>2</sup>  
Lucas Pluvie Souza de Mello<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo provém de uma pesquisa que vem sendo feita nos últimos anos sobre as transformações socioespaciais na Fazenda Colubandê e seus impactos para além do seu espaço, suas áreas de influência. Ilustrado pelo recorte do seu último processo de transformação, o seu abandono a partir de 2012, com o Batalhão de Polícia Florestal e Meio Ambiente (BPFMA) sendo realocado para as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) até sua volta gradativa, anunciada no segundo semestre de 2017, com essa instituição realocada para as UPPs, houve tempo o suficiente para se criar e se expandir uma margem para violência urbana na Fazenda, que naqueles anos se tornou um ciclo poliesportivo abandonado, e seu entorno, impactando a população que a frequentava e que por ali passa em seu cotidiano. Através de revisões bibliográficas que discutem autores e autoras que abordem violência urbana e a representação desse espaço na memória da população e dados coletados nos últimos anos, como entrevistas e relatos empíricos, buscou-se compreender essa margem para a violência urbana como desdobramento imposto pelos abandonos esporádicos das instituições responsáveis, que afetaram a dinâmica urbana do bairro e explicitaram a presença de espaços socialmente desiguais, com acúmulos de violência. O intuito dessa pesquisa é entender a espacialidade do objeto de estudo e suas transformações, contemplado pelos conceitos de espaço e relações de poder, levando em conta as suas rugosidades e seus circuitos urbanos, para entender essas transformações e a sua representatividade na memória da comunidade local.

**Palavras-chave:** Fazenda Colubandê, Espaço, Violência Urbana.

### ABSTRACT

This article derives from a research that has been done over the last years about the sociospatial transformations on the Colubandê Farm and their impacts beyond its space, its areas of influence. Illustrated by the clipping of its last transformation process, its abandonment since 2012, with the Forest and Environment Police Battalion (BPFMA) being relocated to the Pacifying Police Units (UPPs) until its gradual return, announced in the second half of 2017, with this institution relocated to the UPPs, there was enough time to a margin of urban violence on the Farm be created and expanded, which in those years became an abandoned multi-sport complex, and its surroundings, impacting the population that had attended it and that passes through there in their daily lives. Through the bibliographical reviews that discuss authors who approach urban violence and the representation of this space in the population's memory and data collected over the last few years, such as interviews and empirical reports, the aim was to understand this margin for the urban violence as an unfolding imposed by the sporadic dropouts of responsible institutions, that affected the urban dynamics of the neighborhood and made explicit the presence of socially unequal spaces, with accumulations of

<sup>1</sup>Mestrando do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FFP – UERJ/FFP, brunouerj96@gmail.com;

<sup>2</sup>Pós-graduando pelo Curso de Neuropsicologia da Universidade Celso Lisboa – UCL, joao\_salvo@hotmail.com;

<sup>3</sup>Graduado do Curso de Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense – UFF, lucaspluvie@id.uff.br.



violence. The intent of this research is to understand the spatiality of the object of study and its transformations, contemplated by the concepts of space and powers relations, considering its roughness and its urban circuits, to understand these transformations and their representation in the memory of the local community.

**Keywords:** Colubandê Farm, Space, Urban Violence.

## INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu do desejo de aprofundamento na compreensão sobre as transformações socioespaciais que ocorreram ao longo da história da Fazenda Colubandê, e continuarão ocorrendo, transformações estas, que ao longo do seu processo, proporcionaram várias ações na área que esse espaço influencia, estando presente na representação que a comunidade tem sobre ele até os dias de hoje.

Essa continuação de uma pesquisa que é feita há alguns anos e já rendeu um Trabalho de Conclusão de Curso, segue de forma aprimorada e consolidada, através de autores e autoras que abordam temáticas mais específicas, como a violência urbana e a representação da memória dos moradores/as, fomentando a compreensão do processo de transformação mais recente da Fazenda, seu abandono e a volta gradativa do BPFMA.

Ao longo desse texto, há a reflexão, através de mapas, relatos empíricos e entrevistas analisadas por gráficos simples, sobre como algumas dessas ações proporcionadas pelas transformações socioespaciais conseguem impactar de forma tão negativa uma cidade, colocando-a em um posto de cidade dormitório, sem espaços de vivência e lazer, uma pesquisa necessária e que deve ser usada como embasamento da luta pela manutenção e segurança desses espaços e, junto a isso, da população.

O avanço das técnicas e ferramentas afastam cada vez mais as novas gerações desses espaços, mas a problemática não é apenas a disponibilidade dos espaços como áreas de lazer, pessoas também passam em seu entorno diariamente no seu ir e vir, quando um espaço é abandonado, a margem para a violência que se abre segue por todas as suas áreas de influência, alcançando até a população que não frequenta seus espaços, mas precisa passar nessas áreas no cotidiano, rumando a uma versão mais perversa da cidade dormitório.

## METODOLOGIA

Essa pesquisa vem sendo produzida nos últimos anos nos limites do bairro do Colubandê, sendo mais objetivo, nas áreas de influência do espaço do objeto de estudo



(FIGURA 1): a Fazenda Colubandê. É preciso recordar a importância que esse espaço teve para o desenvolvimento de São Gonçalo como uma cidade, com relevância até com os municípios vizinhos, integralizando esse território, alcançando um patamar de importância e prestígio até a nível estadual, mas o foco desse trabalho é a compreensão das ações diretas e indiretas que causaram o abandono do espaço da Fazenda e como isso deu margem para a violência urbana adentrar seu espaço, afetando os moradores que o frequentavam ou precisam passar pelo seu entorno no dia a dia.

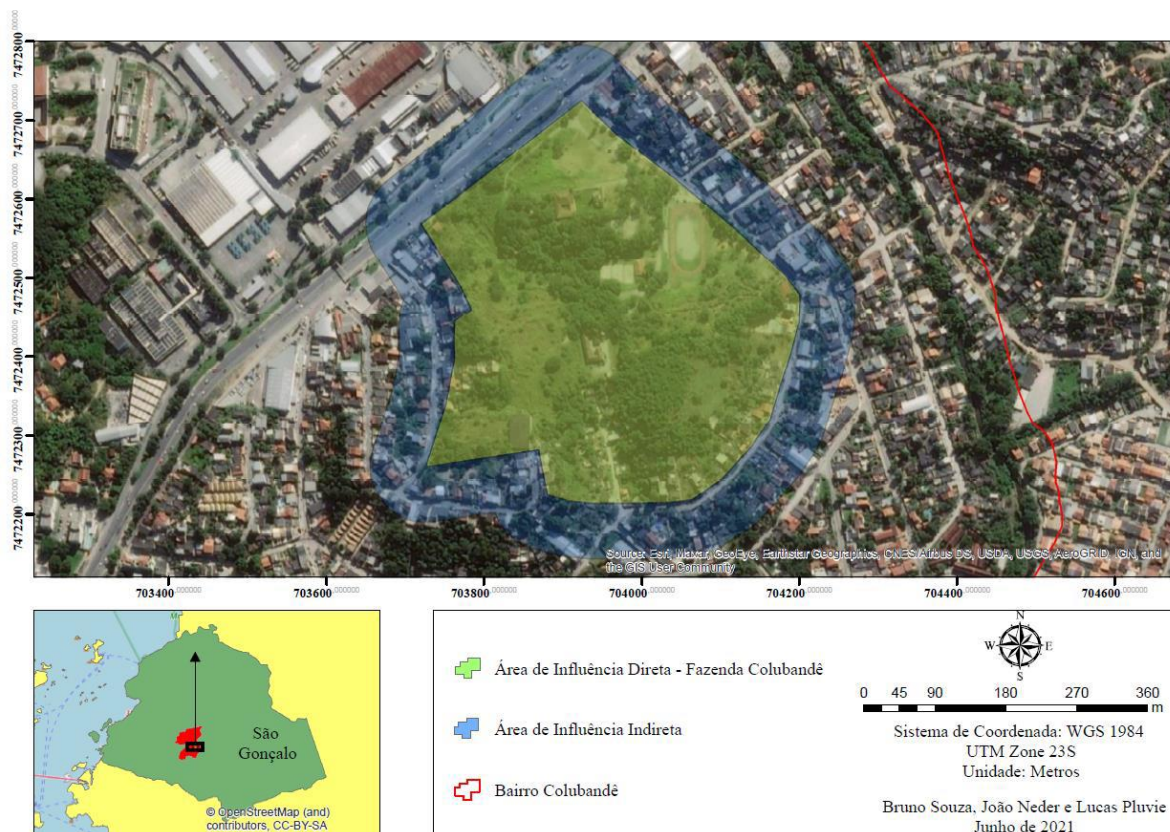


Figura 1 - Área de influências da Fazenda Colubandê - São Gonçalo/RJ

Para a ilustração das discussões apresentadas durante o texto, é utilizado as ferramentas referentes ao Geoprocessamento para a produção de mapas, espacializando de forma concisa a realidade que está sendo apresentada, aproveitando a compreensão de áreas impactadas pelas diferentes ações discutidas, dando embasamento nas questões espaciais.

O levantamento bibliográfico além de justificar a discussão a respeito dos conceitos usados, auxiliou na instrução dos processos de produção social desse espaço como um todo. Algumas não são de fácil acesso, mas tem conteúdo suficiente para espacializar a pesquisa quando se trata de um local da cidade de São Gonçalo, trazendo mais notoriedade para a pesquisa.



A pesquisa de campo ainda é um ponto de destaque para a pesquisa desse espaço que vem sendo produzida há alguns anos, observando as transformações socioespaciais que acontecem diariamente e assim busca-se entender as novas ações que surgem. Essa pesquisa tem o mesmo objeto de estudo de uma de Moraes (2019), mas segue agora em 2021 com vários novos elementos devido a essas mudanças constantes no cotidiano. Devido ao momento de pandemia, tanto as pesquisas de campo quanto as entrevistas produzidas foram feitas considerando a problemática sanitária e respeitando a vida de uma forma geral, priorizando etapas pela internet. O uso das pesquisas de campo foi levado em conta para trazer relatos presenciais para efeito de comparação das transformações socioespaciais, dentro de uma perspectiva geográfica e oferecendo a experiência do empirismo ao leitor/a, a falta de registro fotográficos nesse artigo é explicada pela burocracia que agora existe para ter acesso a totalidade do espaço, esse processo é abordado e explicado no texto, os registros ficam para um próximo momento. A transcrição do campo foi importante para organização e seleção dos tópicos que surgiram, criando os principais, trazendo uma maior relevância para o interesse da pesquisa.

As entrevistas foram focadas nas pessoas que: frequentam, já frequentaram e deixaram de ir ou as que não frequentam pelo que já ouviram de frequentadores da Fazenda. Considerando os principais pontos de retração e as representações da memória que essas pessoas têm sobre a Fazenda, compreende-se como funciona essa interação entre moradores e espaço. Esses dados foram atualizados, organizados e analisados, descritos como informação no texto. As informações foram tratadas através de formulários e enquetes nas redes sociais de moradores de São Gonçalo e estão distribuídas pelo texto em forma de gráficos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Essa pesquisa seguiu uma base teórica que contemplou os conceitos de espaços e relações de poder para entender a espacialidade da Fazenda Colubandê e suas transformações socioespaciais, ricas em refuncionalizações e ressignificações. No espaço da Fazenda, é levado em conta suas rugosidades e circuitos urbanos, que foram importantes para a compreensão das transformações e suas representatividades na memória da comunidade local. Além desses conceitos que são apresentados por Santos (1988 e 2006), Raffestin (1993) e Magnani (2005), foi levado em conta as leituras de Harvey (2005), abordando as abstrações e contradições do Estado capitalista, tal como os desenvolvimentos geográficos desiguais, de



Massey (2008), com uma análise teórica reforçada do espaço da Fazenda e suas relações espaciais.

Santos (1988 e 2006) auxiliou a compreender e refletir sobre o espaço do objeto estudado, fomentou discussões a respeito dos seus espaços construídos e acumulados com o tempo. Raffestin (1993) entra para uma melhor exploração dos ideais acima das relações de poder das instituições que gerem e constituem uma hierarquia no espaço desse patrimônio.

A pesquisa tem outros embasamentos teóricos para acompanhar os conceitos de ressignificação e violência. O primeiro é apresentado em Vasques e Mendes (2006), este conceito, que, ao esclarecer a relação das representações do espaço para as pessoas, desdobra nos motivos que deram margem para a violência presente nesse espaço, que podemos entender a partir de Telles (2013), com auxílio da percepção do sujeito na pós-modernidade oferecida por Lacan (1953) e Zizek (2003)

Com Magnami (2005), através da sociologia, podemos compreender melhor as formas de ocupação do espaço por diferentes tipos de pessoas e a representatividade dele para cada um desses grupos, compreendendo como cada um faz sua parte, mesmo que inconscientemente, no processo de reivindicação da Fazenda. Essa perspectiva de representatividade, vem sendo desenvolvida através das noções de espaços e paisagens produzidos pelas diferentes formas simbólicas neles presentes, em Corrêa (2007).

Para espacializar a cidade de São Gonçalo, a pesquisa utiliza Braga (2006) que, inclusive, separa um trecho do seu livro para falar sobre o projeto que transformou algumas partes da Fazenda em áreas de lazer e Moraes (2019) que tem uma pesquisa dedicada as transformações socioespaciais da Fazenda.

Para compreender e dialogar com o espaço estudado somado a problemática levantada, é utilizado autores que proporcionam a reflexão através das representações de memória e experiência dos indivíduos como Abreu (1996) e Tuan (1980). Para consolidar a discussão sobre essa problemática, é utilizado os trabalhos de Gullo (1998), Grillo e Martins (2020), Misse (2006, 2007 e 2008) e Zaluar (1999 e 2012).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O passado recente influencia e muito na representação da simbologia que a sociedade tem da Fazenda Colubandê, pois esse espaço é um símbolo repleto de significados que “emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo.” (TUAN; 1980, p.166) e os processos que ocorreram nesse espaço distorcem a realidade, causando um



conflito entre as perspectivas que existem sobre esse local. A memória desse tempo que passou contribuiu para a construção de uma representação de repulsão sobre o espaço da Fazenda e com motivos concretos, como o fato do Estado não conseguir em nenhum momento, de forma completa, monopolizar, legitimamente, o uso da violência em todo o território, com isso restam espaços para a violência urbana crescer e se acumular socialmente em espaços abandonados como a Fazenda estava (MISSE; 2008). Essas lembranças atingem tempos e estruturas que já desapareceram, mas permanecem como um símbolo daquele espaço na perspectiva do indivíduo que conhece as suas instalações. A memória da comunidade torna-se um conjunto das lembranças construídas por ela, representando como esse espaço foi compartilhando por quem o frequentava (ABREU; 1996).

Essa memória se redefine a cada geração, de acordo com os impactos que os processos, que deram novas funções e novos significados, causaram nos indivíduos, “A cada 15 anos esquecemos os últimos 15 anos.” (STANISLAW apud MISSE; 2006, p.1). O passado ainda está presente nas suas rugosidades, mas a geração não é a mesma e a forma como ela entende as formas que esse espaço foi ocupado e como essa ocupação a afeta, é diferente a partir da percepção do limite e da perturbação causada e provocada, que caracteriza esse espaço como violento (ZALUAR; 1999). Abaixo vou mostrar alguns dados que ilustram essa memória geracional e explica essa representação conflituosa do espaço da Fazenda.

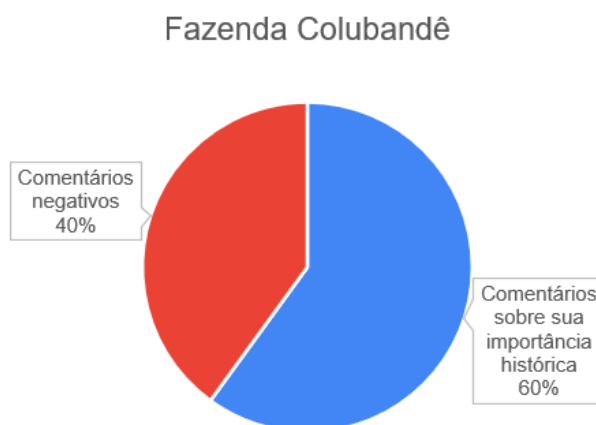


Figura 2 - Entrevista nº 1 sobre a Fazenda (PARTE 1)

Em 2019 fiz algumas entrevistas com público variado para buscar compreender a perspectivas que teriam sobre a Fazenda Colubandê. Nessa primeira parte, o público tinha média de 13,8 anos e desde a sua infância conheciam a Fazenda apenas como um ciclo poliesportivo abandonado, levando em conta que tinham cerca de sete anos quando o BPFMA foi realocado das instalações da Fazenda para as UPPs. A dinâmica da entrevista funcionou através da expressão das perspectivas desses(as) adolescentes, alguns compartilharam suas



representações por desenhos e outros por relatos escritos que ouviram ou presenciaram. Entre os 15 relatos escritos, 60% enalteceram a importância histórica da Fazenda, já os 40% restantes foram recheados de duras críticas quanto a manutenção e segurança do espaço, que, a partir da falta desses dois itens, a Fazenda se tornou um espaço perigoso de se frequentar, com a violência frequente, tanto nas suas instalações quanto em seu entorno, já que “antes de enquadrar uma vítima mediante o anúncio verbal do assalto, o ladrão deve se certificar de que não há policiais ou seguranças armados por perto (...)” (GRILLO; MARTINS; 2020, p.580).

“Bom, esse lugar chamado ‘Batalhão Florestal’, é um dos piores lugares por aqui, pois lá só tem drogado. Gente roubando ou até pessoas levando outras para estuprar. Toda vez que você fala esse nome para alguém as pessoas só falam mal, pois lá só tem coisas que em nenhum lugar devia ter, porque o ‘batalhão florestal’ é um lugar medonho de se passar.” – 15 anos. (MORAES, 2019, p.66)

Essas novas significações envolvem outras produções de novos significados, que vão estar presentes nos mais novos e se não ocorrer processos significativos na manutenção e segurança do espaço, vai ser perpetuar por essa geração. Considerada como um fenômeno social, a violência pode ser analisada como um filtro que esclarece aspectos das relações sociais presentes na sociedade contemporânea, consolidada por estruturas de poder, dentro da lei ou não (GULLO; 1998).

A atual configuração urbana das cidades brasileiras é um dos obstáculos a serem enfrentados para a reafirmação dos direitos fundamentais (como o direito à vida e ao ir e vir) dos mais vulneráveis, dos mais afetados pela precariedade do trabalho, pela desigualdade multidimensional no acesso à justiça, na educação e na saúde, pois todas essas dimensões da política pública foram agravadas pela violência crescente e pelo medo reinante, tanto de traficantes armados quanto da polícia. (ZALUAR; 2012, p.343)

Quando a Fazenda esteve em situação de abandono foi nítido algumas ações originadas da violência urbana, por muito tempo foi possível encontrar resquícios de vários delitos pelas suas dependências, o tráfico pode ter diminuído em áreas onde as UPPs foram implantadas, mas ele não desapareceu e isso explica em parte o aumento dos assaltos em outras áreas, como uma nova migração de jovens traficantes voltando ao roubo nas ruas, especificamente em regiões mais afastadas das UPPs (MISSE; 2007). Esses relatos serviram para mostrar a representação que os alunos(as) tem sobre o espaço da Fazenda e essas representações só reforçam a importância BPFMA, que traz coisas básicas, mas muito importantes para suas instalações como segurança, iluminação e sua própria presença que transforma suas áreas de influência em zonas de repulsão para o crime.

A própria escolha dos trajetos a serem traçados por ladrões em busca de vítimas e após os assaltos exige um conhecimento técnico por parte do piloto para desviar de engarrafamentos e desaparecer da visão de quem tiver testemunhando os assaltos, driblando também a polícia. (GRILLO; MARTINS; 2020, p.577)

A segunda parte da pesquisa feita em 2019 consistiu em 25 pessoas, com média de 23 anos, que moravam próximas ao bairro do Colubandê, menos da metade ainda frequentavam o



espaço da Fazenda, no momento da entrevista. Algumas disseram ter ido mais novas, em passeios pela escola, outras frequentavam para fazer suas atividades ou para lazer no geral. A maioria esmagadora levantou a questão do abandono e perigo constante sem policiamento, um dos motivos pelo qual não frequentavam mais esse espaço, mesmo com o abandono de anos atrás, outras pessoas continuaram frequentando para praticar suas atividades. De acordo com Corrêa (2007), a forma a qual a Fazenda vem sendo representada na simbologia da memória afetiva dos/as moradores/as é resultado do processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre as pessoas que frequentam esse espaço, essa forma representada vai ter uma localização, onde ocorreu o evento, ou os eventos, que desencadearam esse processo. Essas formas são marcas nas relações socioespaciais e, além disso, a violência e o medo assombraram a consciência e as opiniões dos moradores (DUVIGNAUD; 1974). Os maiores motivos relatados para não frequentar a Fazenda foram a falta de vigilância, abandono e falta de tempo do entrevistado(a). Quando perguntei sobre suas perspectivas referente a Fazenda, li muitas respostas sobre sua importância para a cidade de São Gonçalo, muitas críticas ao abandono, mesmo que naquele momento em 2019, o BPFMA já estivesse voltando de forma gradual, muitas pessoas não sabiam por já estarem um tempo sem frequentar as instalações da Fazenda. No geral, houve muitas críticas ao descaso dos anos que se passaram e muitos comentários nostálgicos sobre uma infância e adolescência tão presente nos espaços da Fazenda Colubandê, “além de ficar lindo no natal’ – disse uma entrevistada, fazendo referência à quando o município enfeitava o casarão com pisca-piscas no fim do ano” (MORAES; 2019, p.69).

Na pesquisa de número 2, o público teve média de 14,1 anos e já entrou na adolescência com o BPFMA presente, novamente, nas instalações da Fazenda, mas as suas representações não foram muito diferentes da parte 1 da pesquisa de número 1, exatamente por ser um processo que afetou essa geração de adolescentes.





### Fazenda Colubandê

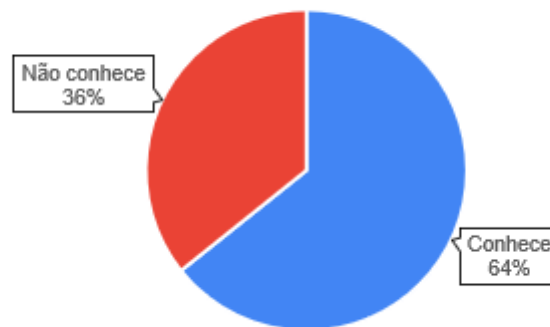


Figura 3 - Popularidade da Fazenda Colubandê – Entrevista n° 2

Entre os 56 entrevistados(as), apenas 64% conhecem pessoalmente o espaço da Fazenda e mesmo com essa percentagem dos que não conhecem seu espaço, os comentários negativos foram maiores até que a própria relação entre os entrevistados e a importância da Fazenda para São Gonçalo da pesquisa 1, uma memória que vem sendo desapropriada desse espaço na representação dessa nova geração, resultante da violência que perdurou no fatídico abandono. É preciso levar em conta essa experiência do sentir ou do ouvir, experiência dessas vidas ou de conhecidos que experienciaram limites dentro dos protocolos da lógica urbana, analisando o que se passou ao fazerem parte desse repertório de habitar e transitar nessas áreas de influência, diretas ou não, da Fazenda. Isso remete ao modo como a violência urbana se territorializa e se organiza pela margem que lhe é oferecida ao ter um espaço ignorado pelo Estado, oferecendo uma lógica de sujeição criminal e da violência que deriva disso nesse espaço (TELLES; 2013).

### COMENTÁRIOS SOBRE A FAZENDA

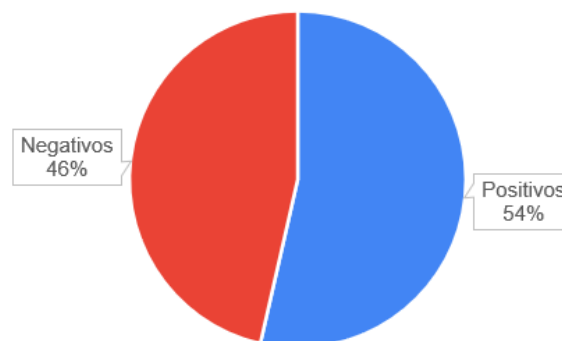


Figura 4 - Comentários sobre a Fazenda – Entrevista n° 2

A totalidade dos(as) 56 entrevistados(as) além de não ter consciência sobre a volta do BPFMA, que ocorreu de forma gradual desde o segundo semestre de 2017, também não está



ciente sobre as reformas na Fazenda e seu novo protocolo de visita e uso da maioria das suas instalações. “Acho um lugar bonito, mas é muito perigoso para as mulheres, nunca vou sozinha.” disse uma adolescente de doze anos na entrevista. Nas condições que foram postas com o abandono da Fazenda, aquele espaço que antes era produtivo, tornou-se por muito tempo um espaço de medo, de rejeição e marginalidade, se transformando em algo que os moradores rejeitam, sentem medo ou não valorizam (VASQUES; MENDES; 2005).

Toda essa formação imaginária que contorna a Fazenda Colubandê pode ser compreendida principalmente pela sensação de insegurança que o espaço oferecia desde o momento que foi abandonada. Isto ocorre, pois, qualquer emoção que envolva alguma memória tenderá a torná-la mais intensa, mais “vívida”. Pode-se pegar um exemplo extremo, um sujeito que apresente um transtorno pós-traumático. Este, ao entrar em contato com a região do ocorrido, ou vivenciar um evento semelhante, possivelmente irá experimentar um forte sentimento de angústia. Dessa forma, invariavelmente o mesmo poderá começar a buscar afastar-se dos locais e eventos que o ofereçam essas sensações. O Estado ao utilizar os diversos espaços em sua jurisdição como forma de poder e para manter consolidado essas estruturas, cria uma contradição entre dirigir pelo interesse da classe dominante e levantar a questão que essa manobra é uma ação para o bem de todos, esse sentimento de angústia desencadeado por essa memória de um espaço com tantos fatores de repulsão questiona isso, para o bem de quem exatamente? (HARVEY; 2005).

É claro que não se deve considerar que toda a população dessa localidade apresenta esse quadro. No caso da Fazenda pode-se entender que sua simbolização na memória popular, no geral, vem sido construída a partir das gerações que vivem em seu entorno. Seja pelos relatos de familiares e amigos; ou uma experiência pessoal com a violência da região; ou as notícias do jornal local. É a partir dessas implicações que a relação entre o espaço, assombrado pelo seu recente abandono, e a possibilidade de vivenciar um episódio de perigo surge, dando oportunidade para que o medo apareça. Entretanto, o que se revela como questionamento é o motivo desses acontecimentos gerarem tamanho afastamento dessa localidade ainda hoje. O poder vem de todos os lugares e se manifesta por ocasião das relações socioespaciais, um processo de troca que se viu livre por muito tempo para acontecer, no caso, um poder ilegítimo utilizando da violência urbana. A mobilidade não é algo fácil de ser controlada, logo a distribuição dos indivíduos no espaço também não e essa distribuição em um espaço desprotegido causou todo o afastamento que ainda se encontra hoje, mesmo com a volta do BPFMA, o poder ilegítimo que ali chegou com a margem para a



violência urbana, antes de se difundir e esgotar, se cristalizou nesse espaço, marcando profundamente, as vezes de uma forma que não se pode apagar (RAFFESTIN; 1993).

Para essa avaliação social torna-se oportuno trazer à tona dois dos registros psíquicos elaborados por Jacques Lacan (1953) durante sua carreira, são eles: o simbólico e o real. O simbólico acomete a ideia do que o indivíduo tem de sua realidade, é o meio com o qual ele se relaciona com seu semelhante. Já o real situa-se como o indizível, sendo a aproximação com este a sensação de pura angústia (ZIZEK; 2003). Com isso, pode-se entender que um episódio que saia do habitual da vida de um indivíduo, nesse caso, a violência, poderá apresentar essa “aproximação com o real”. E, “exatamente por ser real, ou seja, em razão de seu caráter traumático e excessivo, não somos capazes de integrá-lo na nossa realidade, e, portanto, somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico” (ZIZEK; 2003, p. 35-36). Dessa forma, o sujeito que compreende a possibilidade de determinado evento ocorrer tende a afastar-se para evitar esse encontro e esse afastamento se passa para pessoas que não experienciaram o espaço, mas o evitam a partir disso. Essa realidade representada espacializa o tempo que já passou e continua presente devido a esse processo de experiência e comunicação entre os que foram acometidos por tais eventos, dentro dessa esfera com resultados imprevisíveis que é o espaço (MASSEY; 2008). O espaço evitado da Fazenda é o produto da violência urbana (DEUTSCHE apud MASSEY; 2008).

Dados obtidos, nesse ano de 2021, no Instituto de Segurança Pública (ISP) explicam parte dessa representação medonha e perigosa que a geração mais nova tem sobre a Fazenda, conflitante com as representações nostálgicas e atléticas da geração mais velha. De acordo com o ISP, as UPPs começaram a ocupar as comunidades em 2008 e o desligamento do BPFMA para serem realocados para a UPP do Complexo do Alemão só aconteceu em 2012. Em 2012, a geração mais velha entrevistada já estava na parte final da sua adolescência, tendo aproveitado bastante do espaço da Fazenda Colubandê com policiamento e manutenção em dia, por isso o sentimento nostálgico e coerência as críticas pelo abandono que afetava até quem não frequentava mais o espaço, mas precisava passar pelo seu entorno no cotidiano. Já as gerações mais novas, cresceram com a Fazenda tendo seu espaço representando por um ciclo polidesportivo abandonado, rendendo semanalmente notícias de crimes nas manchetes de jornais, como a procura por peças levadas da capela da Fazenda Colubandê (O GLOBO, 2017), tornando-se um local de repulsão, principalmente para essa geração.

Durante os anos em que o BPFMA foi realocado, o número de registro de ocorrência aumentou e com a sua volta gradual voltou a cair (FIGURA 5). As mudanças que esse espaço conheceu nas suas formas de organização nesse momento de abandono, pôde invalidar o



passado de um lugar tranquilo de se estar. Cada evento dentro das relações socioespaciais que ocorreram nas propriedades da Fazenda ou suas áreas de influência, é um produto histórico. O que foi visto por alguns anos da Fazenda, era um espaço passando por um processo de subtrações sucessivas e o que sobrou para ser visto e compartilhado por parte dos moradores, como mostra as entrevistas citadas, é a representação de um espaço, que passou por mudanças irregulares ao longo do tempo, que hoje se encontra em estado de repulsão, mesmo que em gerações diferentes, sendo resultado das próprias ações dos indivíduos sobre ele (SANTOS; 1988).

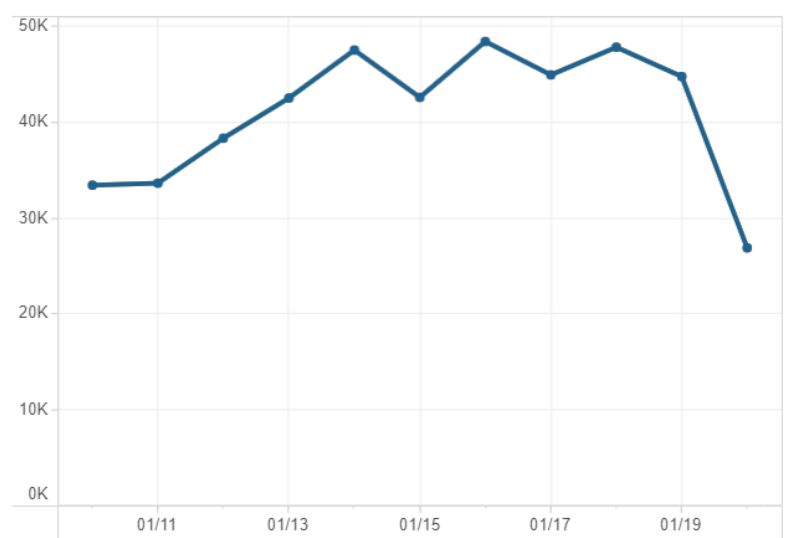


Figura 5 - Registros de Ocorrência em São Gonçalo - Fonte: ISP

A volta gradual do BPFMA a partir do segundo semestre de 2017 não foi suficiente para ressignificar o espaço da Fazenda, mas assim como a sua volta, isso será um processo gradual através da melhora na sua manutenção e segurança. No gráfico acima, disponibilizado pelo ISP, pode se notar um aumento nos registros nos anos em que o BPFMA não se encontrava na sua sede, na Fazenda Colubandê, e a queda com a sua volta. A presença do Batalhão tem influência no espaço da Fazenda e no seu entorno no Bairro do Colubandê, que está entre os dez bairros com a maior população em São Gonçalo (FIGURA 6), o que explica a queda significativa dos registros de ocorrência, principalmente com a volta da segurança em um local que por tanto tempo esteve convivendo com a violência urbana.

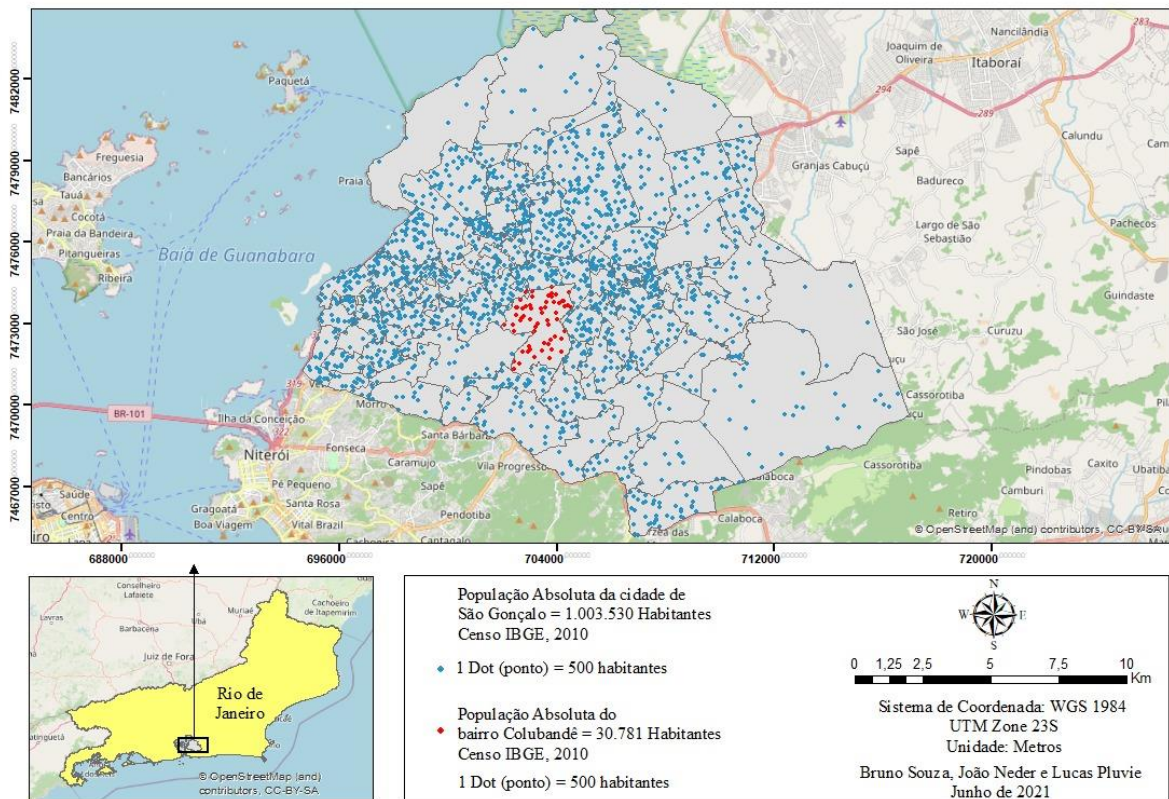


Figura 6 - População do Colubandê - São Gonçalo/RJ

Através desse processo que vem sendo apresentado nesse texto, o espaço de certa forma torna o tempo concreto, espacializado. Todas essas transformações, vem de ações dos indivíduos, que criam alterações e modificam a própria situação em que estão inseridos, muitas dessas ações que ocorrem são produtos de outras necessidades, como a necessidade de policiamento em um espaço que foi abandonado dando margem para ações dentro da violência urbana, cada área vai constituir uma situação como essa, de forma individual. A circulação dessas ações vai ser mais criadora do que a própria produção social do espaço (SANTOS; 2006).

O trajeto abaixo (FIGURA 7), que foi afastado da Praça do Colubandê a partir de 2019, mostra o caminho feito, por parte da população que mora ao redor da Fazenda, na volta dos estudos ou do trabalho, um trajeto bem perigoso e que serviria de exemplo da acumulação social da violência nas áreas de influência da Fazenda, com a migração de parte dos/as traficantes para o assalto a pedestres e automóveis (MISSE; 2008), o que é evitado, em parte, com a presença do BPFMA.

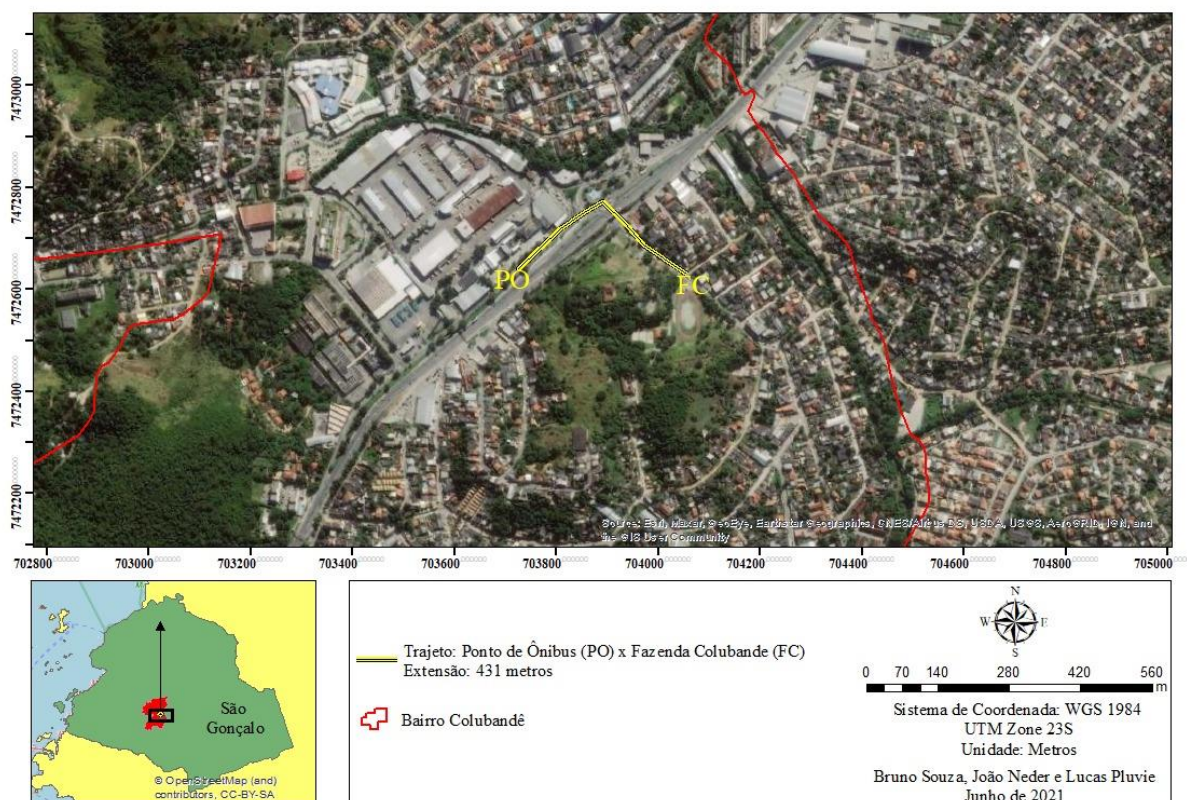


Figura 7 - Trajeto do Ponto - Rua da Fazenda - São Gonçalo/RJ

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa foi exposto como as relações socioespaciais sobre a própria a Fazenda foram impactadas de forma negativa com o avanço da margem para a violência urbana em seu espaço, devido ao abandono que aconteceu há anos atrás e ainda assim está presente no imaginário da população através das representações que a comunidade detém do lugar, até de pessoas que ainda não conhecem o espaço, mas já são influenciadas pelos seus fatores de repulsão do passado que são difundidos até hoje por esse processo de abandono que já ocorreu. Hoje o bairro do Colubandê é muito desenvolvido e não consegue ser tão generoso, espacialmente, com a Fazenda, como ela foi com ele ao longo da história. Na verdade, toda a logística urbana do bairro ofereceu mais perigo para quem precisava passar pelos entornos da Fazenda, as características de um bairro bastante populoso e que tem vias superimportantes para vários bairros de São Gonçalo, além do peso de ser um centro comercial, resultam em sua rua principal e paralelas sempre afogadas em trânsito durante o dia e quase desertas durante a noite, o que influenciou no aumento da violência sem o BPFMA, independente do turno.



Os processos de refuncionalização no espaço da Fazenda, ressignificou sua paisagem, trazendo várias novas representações nas perspectivas de quem já conhecia o espaço e dos mais jovens que cresceram com ela abandonada. Sua representação como forma simbólica e identidade, na perspectiva dos moradores ou frequentadores, se transforma diariamente. As alterações temporais ocorrem naturalmente e a Fazenda também sofreu com o abandono e descaso das instituições responsáveis durante anos, que deu brechas o suficiente para ações criminosas e a falta de manutenção necessária agravar a situação temporal, o que a levou ser, por muito tempo, um ciclo polidesportivo extremamente abandono, além de ser perigoso e indesejado, como pode se ver nos relatos, tantos dos mais jovens, quanto dos mais velhos que deixaram de frequentar o espaço por outros motivos além da falta de tempo da vida adulta.

Durante o século XXI, a Fazenda já não tinha o mesmo prestígio da época do Brasil-colônia e independente do significado que representava para cada indivíduo, com o abandono, esse espaço não tinha mais função adequada, ficou à mercê do descaso das autoridades que representaram esse espaço nos últimos anos. Como estava abandonado, se tornou um espaço em função para o crime. A Fazenda passou por um processo de sucateamento desde o desligamento do Batalhão Florestal, que era a instituição responsável por cuidar da sua manutenção e segurança, sem o BPFMA, as instituições governamentais responsáveis pelo espaço não tomaram os devidos cuidados e não ocuparam o espaço. O que antes transmitia vida através das suas rugosidades, foi se transformado em algo terrível, algo repulsivo, estrutura totalmente depredada, tomada pelos matos. Por muito tempo os resquícios de drogas pelas instalações da Fazenda foram os menores problemas a serem lidados (MORAES, 2019).

Com a volta do BPFMA à Fazenda, com a manutenção das suas instalações e segurança local, o número de frequentadores(as) cresce, aproveitando todo o espaço, circuitos jovens urbanos se apropriam das quadras para jogatinas, entre outras atividades (MAGNAMI, 2005). Toda uma geração de jovens gonçalenses cresceram assistindo um dos seus patrimônios históricos em constante abandono e tem memórias representando duras críticas e medo desse espaço, sem ao menos terem experienciado o mesmo, esse abandono afastou muitas pessoas que se quer estão cientes da volta do Batalhão. Hoje o BPFMA já está totalmente instalado, fazendo várias reformas dentro das dependências da Fazenda e mantendo o espaço seguro, o que impacta na segurança ao seu redor também, diminuindo as ações de violência ao redor.

Atualmente a Fazenda Colubandê se encontra como um local mais seguro do que os últimos anos e em troca disso, tornou-se burocrático para utilizar boa parte do seu espaço. É importante ressaltar o aspecto periférico de São Gonçalo, que com o passar do tempo perde



mais e mais áreas de lazer, com a violência urbana obrigando as pessoas a viverem com medo e dentro de casa ou que busquem lazer em locais como Shopping Centers. São Gonçalo foi se tornando uma versão perversa de uma cidade dormitório com essa violência agindo de forma impune por tanto tempo, gerou traumas em várias gerações, até nas que só ouviram falar desse problema e não conhecem o espaço, mas com as próximas gerações vai ser diferente, a Fazenda está recebendo seus merecidos cuidados.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. “**Sobre a memória das cidades**”. Trabalho realizado com o apoio do CNPq e da Finep, e apresentado no Colóquio "O discurso geográfico na aurora do século XXI". Florianópolis, 28-29 de novembro de 1996.

BRAGA, Maria Nelma Carvalho. **O município de São Gonçalo e sua história**. – 3.ed. total, ver. e ampliada. – Niterói, RJ: Nitpress, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do tempo: alguns temas**. ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ – ANO 1 – OUTUBRO DE 1995. 22f.

\_\_\_\_\_. **Formas simbólicas e espaço: algumas considerações**. Trabalho apresentado na Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF-Niterói, em 19.03.2007.

DUVIGNAUD, Jean. **A Sociologia: guia alfabético**; tradução de Ivan Pedro Martins. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1974. 310p. ilustr. 21cm.

GRILLO, Carolina Christoph; MARTINS, Luana Almeida. **Indo até o problema: Roubo e circulação na cidade do Rio de Janeiro**. Dilemas, Rev. Estud. Conflito Soc. – Rio de Janeiro – Vol 13 – nº3 – SET-DEZ 2020 – pp. 565-590.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência Urbana um problema social**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 105-119, maio de 1998.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Registro de ocorrências por área no ano corrente. Disponível em: <http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br/>. Acesso em: 18/09/2021.

LACAN, J. (1953) O simbólico, o imaginário e o real. In: Nome dos Pais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, Livro Nome dos Pais.

MAGNANI, J. G. C. **Os circuitos dos jovens urbanos**. p. 173-205. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade** (Cap. 6: Espacializando a história da modernidade). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.





MISSE, Michel. **Cinco Teses Equivocadas sobre a Criminalidade Urbana no Brasil- Uma abordagem Crítica, Acompanhada de Sugestões para uma Agenda de Pesquisas.** In: Crime e Violência no Brasil contemporâneo. Estudos de sociologia do crime e da violência urbana no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Lumem Juris, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro.** ESTUDOS AVANÇADOS 21 (61), 2007.

\_\_\_\_\_. **Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.** Civitas – Revista de Ciências Sociais, vol. 8, núm. 3, septiembre-diciembre, 2008, pp. 371-385. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

MORAES, Bruno de Souza. **As transformações socioespaciais na Fazenda Colubandê – São Gonçalo – RJ.** 79 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

O GLOBO. **“Polícia ainda procura por peças levadas de capela da Fazenda Colubandê”.** O GLOBO, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/policia-ainda-procura-por-pecas-levadas-de-capela-da-fazenda-colubande-20872986>. Acesso em: 18/09/2021.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática. 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo 1988.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

TELLES, Vera da Silva. **Prospectando a cidade a partir de suas margens: notas inconclusas sobre uma experiência etnográfica.** Contemporânea, ISSN: 2236-532X, v. 3, n. 2 p. 359-373, Jul.–Dez. 2013.

TUAN, Yi Fu. **Um estudo de Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** Tradução: DIFEL / Difusão Editorial S.A. 1980.

VASQUES, Amanda Ramalho e MENDES, Auro Aparecido. **Refuncionalização de Brownsfields.** In: GERARDI, L. H. O. (Org.); CARVALHO, P. F. (Org.). Geografia - ações e reflexões. 1. ed. Rio Claro: AGETEO, 2006. v. 1. 446 f.

ZALUAR, Alba. **UM DEBATE DISPERSO violência e crime no Brasil da redemocratização.** São Paulo em perspectiva, 13(3) 1999.

\_\_\_\_\_. **Juventude Violenta: Processos, Retrocessos e Novos Percursos.** DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 55, nº2, 2012, pp. 327 a 365.

ZIZEK, S. **Bem-Vindo ao deserto do Real!** São Paulo: Boimtempo Editorial, 2003.